

**PRÁTICAS DE COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA EM PERIÓDICOS BRASILEIROS
(ON-LINE) DE SEMIÓTICA¹**

**SCIENTIFIC COMMUNICATION PRACTICES IN BRAZILIAN (ON-LINE)
SEMIOTICS PERIODICALS**

Flavia Karla Ribeiro Santos²
Doutora em Linguística e Língua Portuguesa
Universidade Estadual Paulista (Unesp)
(flaviakarlar@hotmail.com)

Jean Cristtus Portela³
Doutor em Linguística e Língua Portuguesa
Universidade Estadual Paulista (Unesp)
(jeanportela@gmail.com)

RESUMO: Examinamos, neste artigo, as práticas de comunicação científica empreendidas por dois periódicos brasileiros de semiótica, **Cadernos de Semiótica Aplicada** e **Estudos Semióticos**, com o objetivo de verificar como cenas práticas de aceite/rejeição e publicação de textos científicos são engendradas na prática editorial de comunicação de um saber científico. Resultantes das atividades de grupos de semiótica atuantes no Estado de São Paulo, o CASA/GPS e o GES-USP, os periódicos examinados foram e/ou são responsáveis pela difusão de pesquisas embasadas nos pressupostos teóricos da semiótica discursiva no Brasil e no exterior. Assim, utilizando o modelo proposto por Jacques Fontanille (2005, 2008a, 2008b) sobre os níveis de pertinência da análise semiótica, realizamos uma análise distribuída em níveis e, simultaneamente, de forma integrativa, alinhando, dessa maneira, os dois modos de análise possíveis de serem realizados, segundo o semioticista: o detalhamento (análise nível a nível) e o realçamento, na medida em que destacamos os patamares: i) das cenas práticas, onde são abrigados os comportamentos reconhecíveis em uma cultura; e ii) das estratégias, onde as cenas práticas se acomodam e se ajustam, graças aos protocolos que regem o fazer dos semioticistas que publicam nessas mídias. Desse modo, evidenciamos que a prática editorial pressupõe, ainda, a existência de outras práticas como a da escrita científica, necessária à publicação nos periódicos, e a da leitura, sem a qual os periódicos não têm razão para existir.

Palavras-chave: Cadernos de Semiótica Aplicada. Estudos Semióticos. Periódicos de semiótica. Práticas semióticas. Semiótica Discursiva.

ABSTRACT: In this article, we examine the practices of scientific communication undertaken by two Brazilian semiotics periodicals, **Cadernos de Semiótica Aplicada** and **Estudos Semióticos**, with the aim of verifying how practical scenes of acceptance/rejection and publication of scientific texts are engendered in the editorial practice of communication scientific knowledge. Resulting from the activities of semiotics groups active in the State of São Paulo, CASA/GPS and GES-USP, the examined periodicals were and/or are responsible for the dissemination of research based on the theoretical assumptions of semiotics of discourse, in Brazil and abroad. Thus, using the model proposed by Jacques Fontanille (2005,

¹ Este trabalho deriva da tese **O conceito de figuratividade e as práticas de institucionalização da semiótica no Brasil e na França** e contou com auxílio financeiro da CAPES (Código de Financiamento 001), do CNPq (processo n. 312227/2017-5) e da FAPESP (processo n. 16/22466-0).

² ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9393-2346>.

³ ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4070-1149>.

2008a, 2008b) on the levels of relevance of semiotic analysis, we perform an analysis distributed in levels and, simultaneously, in an integrative way, aligning the two possible modes of analysis, according to the semiotician: in detail (level by level analysis) and placement in relief, as we highlight the levels: i) of practical scenes, where recognizable behaviors in a culture are sheltered; and ii) of strategies, where practical scenes are accommodated and adjusted, thanks to the protocols that govern the making of the semioticians that publish in these media. In this way, we show that editorial practice also presupposes the existence of other practices such as scientific writing, necessary for publication in periodicals, and reading, without which periodicals have no reason to exist.

Keywords: Cadernos de Semiótica Aplicada. Estudos Semióticos. Semiotics periodicals. Semiotic practices. Semiotics of discourse.

Introdução

Vinda a lume em 1966, quando Algirdas Julien Greimas publica, na França, a obra **Semântica estrutural**, a semiótica discursiva desponta no Brasil em 1973, durante visita do mestre lituano a este país para ministrar o curso “Semiótica da narrativa” na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Barão de Mauá, em Ribeirão Preto. Ao final do curso, relata Edward Lopes (2000), é fundado o Centro de Estudos Semióticos “A. J. Greimas” e, no ano seguinte, surge a primeira revista brasileira de semiótica, a **Significação**, a partir de sugestão do próprio Greimas:

Greimas deu duas ideias para nós. A primeira, ele disse: “[...] Eu vou filiar o grupo de vocês [...] ao meu grupo de Paris”. [...] Então, a segunda coisa que o Greimas sugeriu foi: “Este pessoal que está aqui [...] interessado em Semiótica [...] sugiro que vocês façam uma revista para publicar o trabalho de vocês aqui e divulgar no Brasil”. E nós achamos boa a ideia dele [...] (E. LOPES, 2000, p. 15-16)⁴.

Como mostra o excerto acima, o CESAJG e a revista **Significação** surgem como ações de difusão de um saber científico, realizadas por pesquisadores entusiasmados pela teoria proposta por Greimas e incentivados por ele, que, por sua vez, tinha consciência de que a ciência precisa estar vinculada a uma instituição para ser edificada e reconhecida, de modo que o conhecimento ali produzido seja perpetuado. Dessa necessidade de reconhecimento dos pares no interior da cultura científica emergem, então, práticas de institucionalização da ciência, como, no caso

⁴ Entrevista realizada por Maria Lúcia Vissotto Paiva Diniz e Jean Cristtus Portela, na ocasião, membros do Grupo de Estudos Semióticos em Comunicação (GESCom), da UNESP de Bauru.

da semiótica, as práticas de transmissão do saber acerca da teoria, que englobam, entre outras práticas, as de comunicação científica⁵ (SANTOS, 2020, p. 164).

Uma vez que uma das formas de comunicação científica é a publicação em periódicos especializados, objetivamos, neste trabalho, examinar as cenas práticas que engendram a prática editorial de comunicação científica em periódicos de semiótica discursiva. Considerando que a administração desse tipo de mídia traz reconhecimento acadêmico a um grupo de especialidade e, conseqüentemente, torna inequívoca a institucionalização de uma disciplina, escolhemos, como cópula, os periódicos **Cadernos de Semiótica Aplicada** e **Estudos Semióticos**, publicados em formato *on-line* e administrados por grupos brasileiros de semiótica.

Quanto ao aparato metodológico, optamos pela sistematização em níveis de pertinência da análise semiótica, empreendida por Jacques Fontanille (2008a, 2008b), sincretizando dois modos de análise: o detalhamento, ao analisarmos cada nível que torna o objeto “periódico de semiótica em formato *on-line*” um conjunto significante, e o realçamento, ao destacarmos os níveis das cenas práticas e das estratégias, patamares que comportam valores inerentes à prática editorial e que são desvelados conforme diferentes cenas práticas se organizam, estrategicamente, para persuadir os actantes envolvidos na prática de comunicação científica a se comportarem de determinada maneira. Antes, porém, de demonstrarmos como o modelo fontanilliano opera a análise, apresentamos os periódicos investigados.

O Grupo CASA e seus ‘Cadernos’, o GES-USP e a ‘Estudos Semióticos’: dois legados do CESAJG

O CESAJG, conforme Diana Luz Pessoa de Barros (2012, p. 157-158), era constituído de professores-pesquisadores que, em sua maioria, exerciam atividades de docência e pesquisa em universidades paulistas (UNESP de São José do Rio Preto e Araraquara; USP de São Paulo), sendo responsáveis por formar, nessas instituições “[...] a maioria dos pesquisadores em semiótica no Brasil [...]”, que se instalaram em diferentes universidades, fazendo com que novos núcleos de pesquisa se constituíssem. Como exemplo dessa distribuição de pesquisadores em novos

⁵ A comunicação científica é um tipo de difusão científica, um “processo ou recurso utilizado para veiculação de informações científicas e tecnológicas” (BUENO, 1984, p. 15), direcionado aos especialistas pertencentes a determinado campo de conhecimento.

núcleos, propiciando o enraizamento da semiótica no Brasil, citamos o surgimento de dois grupos: um vinculado à Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP de Araraquara e outro sediado na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH-USP), em São Paulo.

No caso do primeiro grupo, Ignacio Assis Silva, lecionando na UNESP de Araraquara, ao mesmo tempo em que era membro do CESAJG, também participava ativamente dos eventos do Centro de Pesquisas Sociossemióticas (CPS), fundado em 1994, na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, por Eric Landowski, José Luiz Fiorin e Ana Claudia de Oliveira (CENTRO DE PESQUISAS SOCIOSEMIÓTICAS, 2020, p. 1). Com o CESAJG extinto no final dos anos 1990, mesmo atuando junto ao CPS, segundo Ude Baldan (2003, p. 1), “quem convivia com o Prof. Ignacio, sabia de sua angústia em relação ao isolamento que acomete os pesquisadores de áreas específicas, quando não estão vinculados a um trabalho determinado que os faça existir”.

Movido pelo desejo de desenvolver um trabalho “[...] mais sistematizado e mais comprometido com os trabalhos recentes da semiótica greimasiana [...]” (BALDAN, 2003, p. 1), Silva reúne pesquisadores com diferentes níveis de formação, vinculados à UNESP (Araraquara e Bauru), à USP (São Paulo) e à Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP) e “funda o grupo Cadernos de Semiótica Aplicada, chamado por Silva de CASA (BALDAN, 2003, p. 8)”, para estudar, sobretudo, a semiótica poética. O grupo é renomeado Grupo de Pesquisas em Semiótica (GPS) em 2014, após fusão com outros grupos de semiótica em atividade na mesma instituição (SANTOS, 2020, p. 131).

No segundo caso, em entrevista concedida em 2017⁶, Ivã Carlos Lopes, que também foi membro do CESAJG e do CASA, relata que é por meio de uma iniciativa dos alunos do Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, entre eles Nilton Hernandez, José Roberto do Carmo Júnior, Renata Mancini, Ana Cristina Fricke Matte, Márcio Coelho, que surge, em 2001, na FFLCH-USP, o Grupo de Estudos Semióticos da Universidade de São Paulo (GES-USP), também composto de

⁶ Entrevista concedida no dia 16 de setembro de 2017, após participação no Encontro Intermediário do GT de Semiótica da ANPOLL em Campo Grande.

pesquisadores em estágios diversos de conhecimento em semiótica: desde os mais experientes até alunos de graduação.

Estabelecendo-se definitivamente no campo dos estudos dos discursos, o CASA/GPS e o GES-USP fundam os próprios periódicos, voltados à publicação de comunicações científicas que possam contribuir para a edificação do projeto greimasiano: os **Cadernos de Semiótica Aplicada** e a **Estudos Semióticos**.

Os **Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA)** surgem em 2003, depois de Ana Cristina Fricke Matte (2003, p. 1) empenhar-se em executar o que chamou de uma das “principais propostas” de Silva ao fazer erigir o grupo CASA: tornar a semiótica acessível a um número maior de pessoas. Inovadora, “a primeira revista eletrônica de semiótica” é publicada no formato *on-line* e semestralmente desde o número inaugural (SANTOS, 2020, p. 141); um modelo de comunicação científica escolhido, à época de sua implantação, em razão do custo reduzido e da possibilidade de alcançar “[...] um maior número de leitores”, esclarece Jean Cristtus Portela (2013, p. 1). Essa escolha foi considerada exitosa por Portela (2013, p. 1), visto que o relatório de estatísticas de acesso elaborado pelo Laboratório Editorial da FCL, em 2012, informara que “o sítio da revista recebeu 24.559 acessos”.

A **Estudos Semióticos (eS:Se)** é publicada pela primeira vez em 2005, também no formato *on-line*, porém, até 2008 é anual, tornando-se semestral a partir de 2009. O periódico nasce “[...] da necessidade crescente de divulgar os trabalhos resultantes das discussões realizadas entre os membros do GES [...]” (SANTOS, 2020, p. 133) e tem como primeiro editor Peter Dietrich, à época, orientando de Luiz Tatit. Atualmente, cabe a Ivã Carlos Lopes (USP) e José Américo Bezerra Saraiva (Universidade Federal do Ceará) a realização da tarefa de editores desse periódico em “crescente internacionalização”, conforme Lopes e Saraiva (2013, p. 1).

O caráter inovador dessa escolha de publicar *on-line* é pelo fato de os periódicos de semiótica em atividade no início dos anos 2000, portanto precursores dessas mídias da UNESP e da USP, ainda serem publicados na versão impressa, a exemplo da **Significação**⁷, no Brasil, e dos **(Nouveaux) Actes Sémiotiques**⁸, na França. Assim, embora houvesse, à época, o hábito de se ler a mídia impressa, “[...]”

⁷ O periódico dedicou-se à semiótica discursiva até 2006.

⁸ Periódico francês fundado por Greimas em 1977, impresso até 2006, e que até hoje é referência para os pesquisadores dessa área em todo o mundo

as revistas que são feitas impressas sempre têm diante delas o problema acadêmico de que precisa de um pouco de dinheiro para imprimir”, segundo Ivã Carlos Lopes (2017). A publicação *on-line*, nesse caso, impediu que vicissitudes financeiras pudessem impedir que os números futuros dos **CASA** e da **eS:Se** pudessem vir à luz, como acontecera com os **Actes Sémiotiques** em 1988 (LANDOWSKI, 2007, p. 1) e com a **Significação**, que “[...] teve uma periodicidade bastante irregular [...] Era uma revista de papel, precisava de dinheiro para imprimir, mudou de sede algumas vezes e teve um monte de dificuldades”, conforme I. C. Lopes (2017).

Práticas semióticas: da origem do conceito ao modelo de análise fontanilliano

No **Dicionário de semiótica**, Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 380, grifos dos autores) denominam “**práticas semióticas** os processos semióticos reconhecíveis no interior do mundo natural e definíveis de modo comparável aos discursos (que são ‘práticas verbais’, isto é, processos semióticos situados no interior das línguas naturais)”. Elas são, dessa forma, comportamentos construídos no e pelo discurso, reconhecidos como existentes ou possíveis de existir em uma cultura, “[...] cujas realizações vão dos simples estereótipos sociais até as programações de forma algorítmica [...]”. Décadas mais tarde, Eric Landowski (2001 [1998], p. 7) explica que os processos semióticos que constituem as práticas não significam em razão do reconhecimento de traços genéricos presentes em uma cultura, mas sim em virtude do resgate dos “[...] efeitos de sentido resultantes da própria organização estrutural do objeto ou da prática em questão”. Esse resgate é feito pela descrição e pela análise do material de que dispõe o analista, sempre levando em conta as características que lhe são inerentes e utilizando um modelo vazio de conteúdo (sem rótulos), em conformidade com o projeto greimasiano (LANDOWSKI, 2001 [1998], p. 8).

Tal modelo de análise foi pensado e organizado por Jacques Fontanille (2008a, p. 15-16), que viu surgir no horizonte dos semioticistas uma busca crescente por objetos voltados para as situações cotidianas de diferentes tipos, envolvendo incontáveis práticas sociais que só fazem sentido se entendidas no interior da cultura em que acontecem. Antes, porém, do modelo dos níveis de pertinência da análise semiótica ser teorizado e organizado por Fontanille, Greimas já tinha aplicado essa lógica de distribuição da análise em níveis (percurso gerativo do sentido). O mesmo

processo de investigação analítica foi realizado por Benveniste (2005 [1966]), em **Problemas de linguística geral I**.

Agregam-se a essa articulação entre níveis, os trabalhos de Floch, visto que seus estudos se voltam para práticas banais, dessemantizadas, portanto, que ganham significação por meio de uma investigação semiótica. Tomemos, como exemplo, o capítulo de **Sémiotique et marketing** (1990), em que ele mostra de que forma uma situação prática, como a movimentação dos usuários do metrô parisiense, foi transformada em um texto para que fosse possível analisar comportamentos estereotipados (modos de agir de tal maneira naturalizados na sociedade que não chamam a atenção das pessoas) e traçar perfis de consumo.

Fontanille apresenta os níveis de pertinência da análise semiótica de forma teorizada e organizada em 2004, na Universidade de Paris VIII, durante o Colóquio “Transversalidade do sentido: pesquisa e confrontação de modelos”. Em 2005, traz a proposta para o Brasil, ocasião em que publica **Significação e visualidade: exercícios práticos**. Em 2008, ele esclarece que o modelo resulta de uma preocupação com as exigências de análise impostas pelos objetos de estudo em torno de questões colocadas tanto no interior como no exterior desses objetos⁹, na medida em que estão inseridos em uma cultura. Nesse sentido, as práticas são necessárias para que se delimite a pertinência de análise das semióticas-objeto que interessam ao semioticista (FONTANILLE, 2008a, p. 16-17).

Abaixo, apresentamos a organização hierárquica dos níveis de pertinência (instâncias formais), cada qual relacionado com um tipo de experiência semiótica:

Quadro 1 – Hierarquia dos níveis de pertinência

Tipo de experiência	Instâncias formais	Interfaces
Figuratividade	Signos ↓	Formas recorrentes
Coerência e coesão interpretativas	Textos-enunciados	Isotopias figurativas da expressão
		Dispositivo de enunciação/inscrição
Corporeidade	Objetos ↓	Suporte formal de inscrição
		Morfologia práxica

⁹ Essa preocupação está na relação entre imanência e contexto. Como o interesse principal da semiótica é o discurso, que significa conforme se olha para todos os elementos que concorrem para a produção da significação como um conjunto significante, da perspectiva fontanilliana, se uma semiótica-objeto tem todos os elementos necessários à produção da significação integrado a ele, cada qual pertencente a um nível de pertinência da análise, o princípio de imanência é respeitado.

Prática	Cenas práticas ↓	Cena predicativa
		Processos de acomodação
Conjuntura	Estratégias ↓	Gestão estratégica das práticas
		Iconização de comportamentos estratégicos
Ethos e comportamento	Formas de vida	Estilos estratégicos

Fonte: Fontanille (2008b, p. 34).

Fontanille (2008a, p. 19-27) ainda acrescenta que essas instâncias são interdependentes e integram-se, progressivamente, a cada nível de pertinência no decorrer da análise, obedecendo seja a um sentido que parte do nível dos signos até chegarem, dependendo do interesse do analista, ao das formas de vida (ascendente), seja a um sentido oposto, no qual o analista parte do nível das formas de vida até o nível dos signos (descendente), se for conveniente à análise. Pode acontecer de um ou mais níveis não ser(em) pertinente(s) à análise de determinado objeto. Nesse caso, o pesquisador tem a opção de suprimir esse(s) nível/níveis, procedimento chamado de “integrações irregulares” ou sínopes, que podem acontecer nos dois sentidos. Diante dessas possibilidades de desenvolvimento da análise, quando ela é realizada nível a nível, não importa o sentido percorrido, é chamada de detalhamento; mas, quando um dos níveis é destacado, sendo aquele tido como o mais importante para a análise dentro de um conjunto, recebe o nome de realçamento (FONTANILLE, 2008a, p. 56).

Em **Semântica estrutural** (1973 [1966]), encontramos uma explicação de como funciona a expansão, característica do detalhamento, e a condensação, própria do realçamento, ou, em última instância, da síncope: “[...] uma palavra pode ser explicada por uma sequência mais ampla e [...] inversamente uma só palavra pode ser frequentemente tomada para designar o que se concebeu sob uma forma desenvolvida”, sendo que só são reconhecidas, expansão e condensação, em uma relação de equivalência (GREIMAS, 1973 [1966], p. 98). Para Matheus Nogueira Schwartzmann (2013, p. 1457),

Um caso extremo de condensação no percurso descendente e sincopado que permite o redesdobramento ascendente é o fenômeno de simbolização, isto é, uma prática, ou mesmo uma forma de vida inteira, pode ser simbolizada a partir da produção de uma grande síncope do último nível ao primeiro. Uma logomarca, por exemplo, é o caso típico em que isso ocorre: a logomarca sozinha manifesta, sem

intermediação de níveis, um texto, uma prática (a área de atuação da empresa) e uma forma de vida (os valores, os estilos estratégicos que cercam a empresa).

Essa síncope é ilustrada pelo pesquisador a partir de timbres extraídos de um cartão postal e de um papel de carta enviados por Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa, demonstrando que eles promovem a intensificação da presença do remetente ao fazerem alusão ao ambiente de suposta escrita da carta. Sobre essa ambientação da prática, ele explica que “Sá-Carneiro frequentava diversos cafés espalhados por Paris, aos quais muitas vezes fazia referência nas suas cartas [...]” (SCHWARTZMANN, 2013, p. 1458).

Como os níveis de pertinência operam?

O nível das significações mínimas, no âmbito da pertinência da análise semiótica, é o nível dos signos, onde se encontram as figuras (FONTANILLE, 2008a, 2008b). Nesse nível acontece a experiência da figuratividade, “[...] elemento de análise semiótica que atua na construção do sentido desde as instâncias profundas até as superficiais do discurso [...]” (SANTOS, 2020, p. 7), organizando e distribuindo as figuras de forma recorrente pelo texto. Essa recorrência das figuras é notada à medida que elas se integram ao nível subsequente, o dos textos-enunciados, onde são formadas as isotopias – distribuição homogênea das figuras conforme a base sêmica que comportam. Trata-se de uma organização isotópica que pressupõe uma intencionalidade, responsável por nortear a inscrição do texto enunciado no objeto que o suporta, próximo nível da hierarquia (FONTANILLE, 2008b, p. 18-20).

De acordo com Fontanille (2008b, p. 21, tradução nossa¹⁰), os objetos “[...] são estruturas materiais tridimensionais, dotadas [...] de uma funcionalidade e de uma forma exterior identificável, cujo conjunto é ‘destinado’ a um uso ou a uma prática mais ou menos especializada”, ou seja, é “[...] tudo que concerne à captação e registro de uma linguagem [...]: o papel e o modo de impressão, o tipo de tela-suporte [...], etc., no entendimento de Portela (2008, p. 102). Dito de outra maneira, enquanto suporte de inscrição de um texto-enunciado, o objeto apresenta os traços e as características

¹⁰ Trecho original: “[...] sont des structures matérielles tridimensionnelles, dotées d’une morphologie, d’une fonctionnalité et d’une forme extérieure identifiable, dont l’ensemble est ‘destiné’ à un usage ou une pratique plus ou moins spécialisés”.

dos usos e das práticas a ele inerentes, isto é, pressupõe um modo de utilização desse suporte, traço distintivo que, da perspectiva de Fontanille (2008b, p. 24), o converte em ator de práticas semióticas.

Além disso, em razão de sua composição ao mesmo tempo formal (é um suporte que rege o sistema de inscrições) e material (detém propriedades que possibilitam fazer com que práticas que exigem comportamentos específicos aconteçam), faz aparecer um nível de pertinência que alia as propriedades dos objetos a práticas específicas de uso desses objetos, como as práticas de escrita, por exemplo. O pesquisador refere-se ao nível das cenas práticas, do qual o nível dos objetos é inseparável, assim como não se separa do nível de pertinência que o antecede, o dos textos-enunciados (FONTANILLE, 2008b, p. 22-23).

Definida por Fontanille (2005, p. 24) como “[...] uma configuração heterogênea que comporta todos os elementos necessários à produção e à interpretação da significação de uma interação comunicativa”, a situação semiótica (conversão da experiência de uma situação vivenciada em uma prática) é uma situação vivenciada que tanto pode ser a interação do sujeito com textos ou objetos, como entre práticas complementares ou concorrentes, ou entre sujeitos. A prática que resulta dessa situação, por sua vez, através de sua dimensão predicativa, é convertida em “[...] atos de enunciação”, identificados em enunciados enunciados, portanto, em uma enunciação já concluída, em que o texto-enunciado, o objeto e até os elementos ao seu entorno (pode ser um passante, o usuário do objeto ou o observador da situação) são envolvidos na constituição de uma “[...] **cena** típica de uma prática” (FONTANILLE, 2005, p. 25-26. Grifo do autor).

A experiência da prática é constituída de um conjunto de atos que, ao se ajustarem, constroem dada significação, ou seja, comportam uma cena prática na qual interagem, simultaneamente, actante operador (sujeito do fazer), objeto e outras práticas, explica Fontanille em entrevista a Portela (2006, p. 181). Também chamadas de cenas predicativas, as cenas práticas são apreendidas, portanto, no processo de ajustamento de um ato ao outro; processo aberto, pois diferentes modos de organização dos atos resultam em diferentes cenas.

Quando passam para o nível das estratégias, as cenas práticas ajustam-se umas às outras, acomodando-se figurativa, actorial, espacial e temporalmente, explica Fontanille (2008b, p. 28-29), pois, nesse nível, as práticas ocorrem

concomitantemente às outras, mas também sucessivamente, fazendo surgir novas significações, mais ou menos previsíveis, como usos sociais, ritos, comportamentos complexos (FONTANILLE, 2008b, p. 26-27). Essa integração pressupõe uma prática interpretativa, isto é, para passar ao nível das estratégias o sujeito do fazer, mas também observador desse fazer, precisa ser o intérprete de sua própria prática.

Fontanille (2008a, p. 46-47) cita, como exemplo de organização estratégica, o ritual, cuja organização da sequência prática pressupõe que o sujeito operador dessa sequência seja impulsionado (modalizado) pelo dever, pelo querer, pelo poder ou pelo saber, pois são essas modalizações que vão assegurar que as cenas práticas, reunidas, se convertam em comportamentos iconizados, ou seja, identificáveis. Dessa maneira, o ritual comporta quatro isotopias modais dominantes, responsáveis por garantir a coerência de um ritual: a práxis, o procedimento, a conduta e o protocolo. Sobre o **protocolo**, observa-se a implicação de “[...] um **dever**, já que sua eficiência é regulada do exterior da práxis por regras e por normas que se impõem a todos os participantes”. A avaliação interpretativa, nesse caso, embasa-se no “[...] respeito das regras e das normas, relativas tanto à organização, aos valores, aos papéis, quanto aos detalhes figurativos”. Reúnem-se, portanto, no protocolo, as quatro modalidades, sendo o dever a modalidade dominante (FONTANILLE, 2008a, p. 47-49, grifos do autor). Assim, a análise do nível das estratégias exige que se identifique: “[...] (1) as isotopias modais dominantes; (2) as combinações e os níveis de modalizações aceitos [como verdadeiros]; (3) as formas aspecto-temporais [...]” (FONTANILLE, 2008a, p. 49).

Concernente às formas de vida, esse nível surge a partir da acomodação das práticas em experiências comportamentais; acomodação realizada no nível das estratégias (FONTANILLE, 2008a, p. 17). Estando mais próximo da instância da cultura (de difícil composição e análise), configura o último nível semioticamente operável (PORTELA, 2008, p. 105) e, conforme Silva e Portela (2012, p. 58), “as formas de vida são definidas [...] sob a perspectiva da experiência semiótica, como uma ‘deformação coerente’ obtida pela repetição e pela regularidade dos conjuntos de estratégias adotadas para articular as cenas práticas entre si”.

Apresentados os níveis de pertinência da análise semiótica, vejamos como as práticas relacionadas com a prática editorial são observadas nos **Cadernos de Semiótica Aplicada** e na **Estudos Semióticos**.

As práticas editoriais de comunicação científica nos ‘CASA’ e na ‘eS:Se’

Esclarecemos que os *CASA* e a *eS:Se*, vinculados aos grupos *CASA/GPS* e *GES-USP*, respectivamente, têm a finalidade de comunicar o saber científico que verse sobre temas pertinentes à semiótica discursiva, prática englobada pela prática de transmissão do saber, subjacente à institucionalização da disciplina nas universidades brasileiras, conforme Santos (2020, p. 187). Dito isso, como esses periódicos não possuem versão impressa, examinamos, primeiro, a distribuição das figuras nos textos-enunciados em seus *layouts*, começando pelos *CASA*.

O fundo da página do periódico do grupo de Araraquara é branco, à exceção da parte superior que, sobre um fundo cinza, distribui o logotipo do periódico no canto esquerdo e, à direita do logotipo, o nome completo em letras garrafais e caixa alta, dividido em duas linhas imaginárias. Assim, os lexemas “CADERNOS DE” ficam em uma linha acima dos lexemas “SEMIÓTICA APLICADA”, estes, em tamanho um pouco maior. Alinhado aos lexemas “cadernos de”, fica o ISSN. Essa distribuição é organizada e clara, embora não ocupe todo o espaço da parte superior da página, pois todas as figuras ficam alinhadas à esquerda. Concernente ao logotipo, a marca dos **Cadernos** é composta de quatro figuras geométricas (quadrados). Sobre um fundo azul e em cada um dos cubos – estes ficam em perspectiva, ou seja, constituem um jogo de relevo e sombra na cor cinza –, está grafada uma das letras que compõem a sigla *CASA*, em caixa alta e na cor branca, ficando o “CA” acima do “SA”, porém, verticalmente alinhados: “C” sobre “S” e “A” sobre “A”.

Figura 1 – Página inicial dos Cadernos de Semiótica Aplicada [on-line]

CASA CADERNOS DE SEMIÓTICA APLICADA ISSN 1679-3404

CAPA SOBRE ACESSO CADASTRO PESQUISA ATUAL ANTERIORES
NOTÍCIAS NORMAS PARA PUBLICAÇÃO ÉTICA EM PESQUISA HISTÓRICO

Capa > **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**

CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada

[Choose your preferred language from the right menu bar] Choisissez votre langue préférée dans le menu à droite]

Os **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada** têm como objetivo divulgar e debater análises e reflexões teóricas sobre a linguagem, com a finalidade de promover o desenvolvimento científico e institucional das várias correntes metodológicas que estudam o texto e o discurso, com ênfase nas teorias semióticas contemporâneas.

A revista publica trabalhos escritos por pesquisadores doutores ou em coautoria com pesquisadores doutores vinculados a instituições de ensino e pesquisa nacionais e internacionais.

Aceita-se a submissão, em fluxo contínuo, de artigos, resenhas e entrevistas inéditos em português, espanhol, francês, italiano e inglês, desde que estejam de acordo com as normas previstas nas [Diretrizes para autores](#). O Conselho Editorial reserva-se o direito de alocar, segundo o fluxo de avaliação, os trabalhos aprovados nos números 1 ou 2 do volume em preparação.

O periódico tem estrato Qualis-Capes A2 (2013-2014), está indexado nas bases de dados [Diadorim](#), [Elektronische Zeitschriftenbibliothek](#), [ERIH PLUS](#), [JURN](#), [Latindex](#), [LivRel](#), [MLA Directory of Periodicals](#), [REDIB](#) e [WorldCat](#), é filiado à [Associação Brasileira de Editores Científicos \(ABEC\)](#) e ao [CrossRef](#) e é identificado pelo prefixo DOI (Digital Object Identifier).

Jean Cristtus Portela
Editor responsável

Notícias

Chamada 2016: submissões em fluxo contínuo

CASA recebem submissões em fluxo contínuo

Publicado: 2016-01-01 [Mais...](#)

[Outras notícias...](#)

E-ISSN: 1679-3404

Fonte: CASA (2018a)

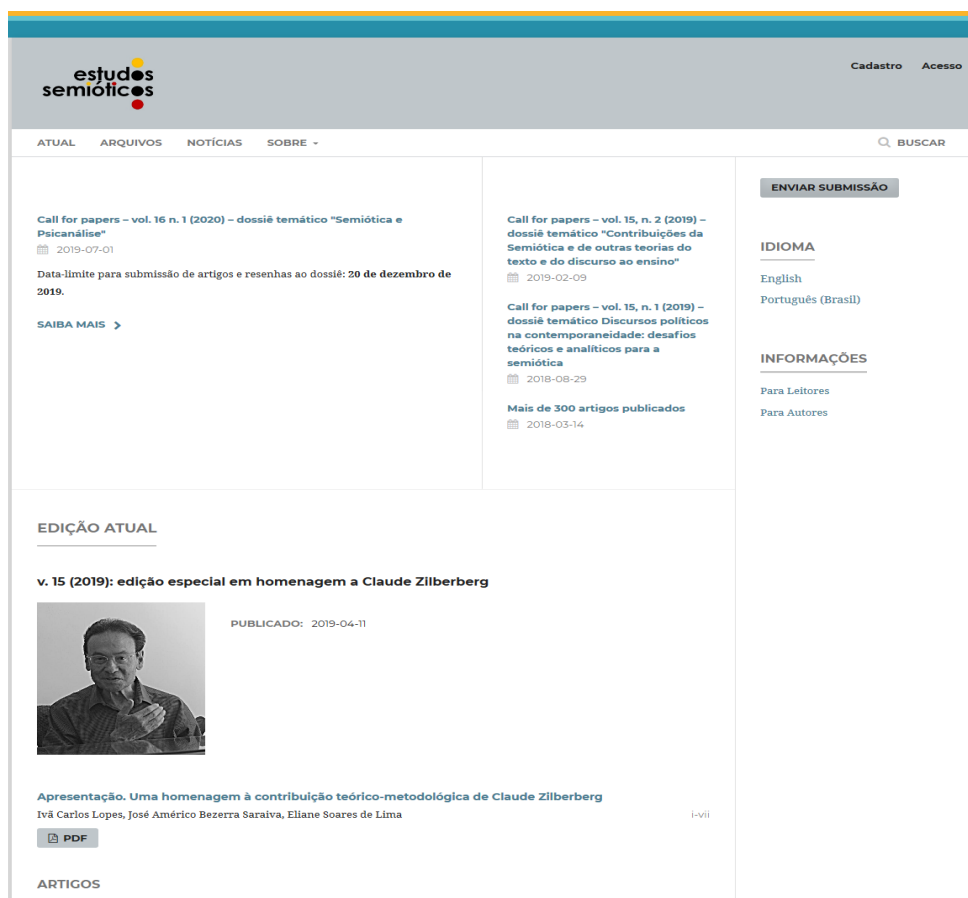
Abaixo, sobre o fundo branco e em caixa alta, as seções estão dispostas na horizontal, ficando, na primeira linha, as figuras “Capa”, apresentação da revista; “Sobre”, onde consta o conjunto de dados relativos à equipe editorial, a contatos, ao foco e escopo da revista, às políticas de seção, ao processo de avaliação pelos pares, à periodicidade, à política de acesso livre, ao arquivamento, entre outras informações distribuídas nas demais seções; “Acesso”, local de acesso por usuários e autores através de inserção de nome de usuário (login) e senha; “Cadastro”, formulário para acesso ao sistema, um requisito para que um autor possa publicar no periódico ou para um avaliador acessar textos a serem apreciados; “Pesquisa”, recurso para pesquisar textos utilizando palavras-chave, isto é, termos específicos de busca; “Atual”, seção que disponibiliza o acesso ao último número publicado; “Anteriores”, que abriga as publicações mais antigas. Na segunda linha, encontram-se as seções: “Notícias”, que informa as chamadas para publicação (embora a revista receba artigos

em fluxo contínuo, eventualmente publica números temáticos); “Normas para publicação”, onde são informadas as diretrizes a serem seguidas pelos autores, como as normas de formatação dos trabalhos, além das “condições para submissão”, da “missão da revista” e do “perfil das submissões”; “Ética em pesquisa”, que dá acesso ao código de boas práticas científicas a serem exercidas pelos autores; e “Histórico”, que narra parte da história do periódico.

No canto superior direito, destacados por um fundo cinza, estão dispostos, verticalmente, recursos como: seleção de idioma, acesso ao “*Open Journal Systems*”, ajuda do sistema, acesso rápido do usuário por meio de *login* e senha, acesso rápido a informações direcionadas a autores, leitores e bibliotecários. Há, também, a possibilidade de alterar o tamanho da fonte (arial).

Já no periódico administrado pelo GES-USP, também sobre fundo cinza, no canto esquerdo da parte superior da página, o logotipo “estudos semióticos” comporta uma palavra debaixo da outra, como se estivessem distribuídas em duas linhas, em caixa baixa e na cor preta. Alinhados pelas duas últimas letras que compõem cada palavra (“os”), em que as letras “o” estão completamente preenchidas e, tanto acima, como abaixo delas, também se alinham formas circulares (nas cores vermelha na parte inferior e amarela na superior, assim como nos pingos dos “is” do lexema “semióticos”). Como deixa evidente a figura a seguir, no canto direito, ficam as subseções “Cadastro” (destinada ao cadastro do usuário do periódico para o exercício do papel temático de leitor, de autor ou de avaliador de textos submetidos à apreciação da revista) e “Acesso” (espaço destinado à inserção de dados de usuário e senha), ambas em caixa alta e baixa, e horizontalmente alinhadas uma ao lado da outra. Logo abaixo, já sobre o fundo branco e alinhadas da esquerda para a direita, estão distribuídas quatro grandes seções: “Atual” (último número/volume publicado); “Arquivos” (publicações mais antigas); “Notícias” (chamadas para publicação); “Sobre” – seção que se subdivide em “Sobre a revista”, “Submissões”, “Equipe editorial”, “Declaração de privacidade” e “Contato”. Na extrema direita das seções, encontra-se a opção de pesquisa (“Buscar”).

Figura 2 – Página inicial dos Estudos Semióticos [on-line]



Fonte: Estudos Semióticos (2019a)

Linhas finas, acinzentadas, dividem a página inicial que compreende, à esquerda, as chamadas para submissão de trabalhos temáticos; ao centro, chamadas mais antigas, mas ainda em vigor, visto que o periódico publica em fluxo contínuo, como os **CASA**; e, à direita, contudo, verticalmente distribuído, o acesso rápido à página de submissão de comunicações, ao recurso de seleção do idioma da página (inglês e português) e às informações para autores e leitores. Abaixo das chamadas para publicação, é disponibilizado o volume mais atual do periódico, que também é lido, da perspectiva praxica, de cima para baixo, da mesma maneira que as edições mais antigas, abrigadas na seção “Arquivos”, e igualmente ao que acontece nos **Cadernos** da UNESP.

A apresentação da edição e as comunicações científicas (artigos, resenhas, entrevistas, entre outras) que a compõem são disponibilizadas uma depois da outra, porém, antes da apresentação, em todas as edições do periódico **Estudos**

Semióticos tem uma foto de capa. Nos volumes dos **CASA** só aparece a arte da capa a partir de 2014. Todavia, a capa dos **CASA** tem mais informações, uma vez que, além da arte, do logotipo e do título, também informa o volume, o número, o semestre/ano, bem como comporta os logotipos das instituições que lhe dão suporte financeiro e institucional – Pró-Reitoria de Pesquisa (PROPe) da UNESP e a própria UNESP –, simulando uma capa de um periódico impresso.

Importa ainda observar que, nos editoriais dos periódicos, é comum encontrar “[...] isotopias temático-figurativas que revelam os modos de fazer ciência dos grupos que as mantêm e, sobretudo, os valores eufóricos que legitimam esse fazer”, como o fazer coletivo, a continuidade do projeto greimasiano, a “[...] internacionalização (do grupo, do seu periódico, dos seus valores e daquilo que produz)” (SANTOS, 2020, p. 187-188).

Enfim, esse é o objeto revista *on-line* de semiótica que, imaterialmente, se apresenta ao leitor e ao pesquisador aptos a realizarem a prática de leitura, visto que os dois periódicos publicam textos em inglês, espanhol e francês, embora os textos originais em português, ou traduzidos, sejam encontrados em maior número. No caso dos *layouts*, é possível escolher navegar pelos sítios dos periódicos em outras línguas, além da portuguesa. Assim, apesar da maioria dos artigos estar publicada em português, o leitor pode ler os *layouts* em outro idioma – entre os disponíveis na plataforma –, universalizando o acesso às mídias, mas não necessariamente aos textos, que exigem competência linguística com relação ao idioma em que foram publicados e conhecimento da metalinguagem semiótica.

Dito de outro modo, no nível das cenas práticas, a prática de leitura, nesses periódicos, exige que o leitor tenha certa fluência na língua na qual os textos estão publicados, já que publicam textos em diferentes línguas, e conhecimento teórico sobre a semiótica discursiva, disciplina científica divulgada nessas mídias. Para o leitor encontrar o texto que lhe interessa, a cena prática da leitura exige que ele acesse ou a seção “Atual” ou “Anteriores”. Nessas seções constam os volumes e os números das publicações da revista. Escolhido o volume da revista e o número, o leitor precisa clicar no sumário que vai lhe apresentar os artigos e/ou resenhas e/ou entrevistas; todos os textos no Formato de Documento Portátil (PDF). Depois, deve clicar, preferencialmente, na opção “PDF”, à direita do título do trabalho, e, assim, ter, diante

de seus olhos, o texto a ser lido (de cima para baixo e da esquerda para a direita – perspectiva praxica do uso).

Quanto à prática de comunicação do saber científico propriamente dita, se à cena prática corresponde a encenação (por parte de um ou mais actantes-sujeitos) de uma situação prática reconhecida no mundo natural e essa encenação expressa vários movimentos e transformações que se configuram em um processo, segundo Fontanille (2008b, p. 26), a prática de comunicação científica em um periódico especializado é um processo que engloba outro processo, a escrita científica que, por sua vez, demanda mais um processo, a prática editorial. Sendo assim, em termos de acomodação estratégica, a comunicação científica pressupõe que o ator-pesquisador, no papel actancial de autor, não somente produza um texto científico que contenha objetivos, metodologia, apresentação de resultados, mas também atenda às normas de formatação que se encontram na política editorial de cada periódico antes de submeter o artigo à apreciação do editor. O atendimento a esse conjunto de obrigações impostas pela política editorial por parte de quem deseja publicar no periódico equivale, no nível das estratégias, a seguir a um protocolo, entendido por Fontanille (2008a, p. 50) “[...] como uma programação rígida e inteiramente decidida por antecipação”.

Nos **CASA**, esse protocolo determina que um artigo submetido à apreciação da revista deve estar em conformidade com as normas previstas nas diretrizes para autores. Nessa subseção, é determinado que “os artigos devem ter extensão de no mínimo 10 e no máximo 30 páginas, e as entrevistas, no mínimo 5 e no máximo 30. As resenhas [...] não podem exceder 5 páginas e devem tratar de livros publicados nos últimos 24 meses [...], em primeira edição ou tradução” (CASA, p. 1, 2018b), além de outras exigências no que tange à formatação, à originalidade e ao ineditismo da contribuição, entre outras, que se assemelham aos requisitos protocolares do periódico da USP. Todavia, os editores do periódico **Estudos Semióticos** apresentam exigências ora mais, ora menos flexíveis que o outro periódico brasileiro, pois os artigos “[...] devem ter a extensão mínima de 10 e máxima de 20 páginas de texto (mais três de anexo, opcionalmente)”, e as resenhas “[...] devem ter entre 5 e 10 páginas e [...] devem ser sobre livros publicados no máximo há 4 anos no exterior, ou no máximo há 2 anos para livros publicados no Brasil” (ESTUDOS SEMIÓTICOS, p. 1, 2018b).

Dessa perspectiva, além da exigência de que o autor siga os procedimentos que constam na política editorial, uma série de escolhas, da parte do editor, dão sequência a esse processo de publicação, como a aprovação do texto a ser divulgado mediante avaliação positiva de sua pertinência teórica pelos pares – pelo menos duas avaliações às cegas, ou seja, sem identificação do autor do texto avaliado, são realizadas – e a decisão sobre qual seção irá abrigá-lo. Essas estratégias são comuns a todos os periódicos, sem exceção.

Após o artigo ser publicado em um periódico, ele precisa ser lido, concluindo a difusão do saber científico. Desse modo, como evidencia a análise ora realizada, enquanto a cena prática do acesso a um suporte impresso exige que o enunciatório o adquira, o folheie, escolha o artigo que lhe interessar e o leia, a cena da leitura dos textos disponibilizados no formato eletrônico demanda outra cena prática ao englobar comportamentos que envolvem desde navegação em plataformas virtuais, onde se obtém acesso ao sítio dos periódicos, até seleção de textos em meio a diferentes seções e subseções que abrigam os textos comunicados, pois, em cada cena prática englobada por outras cenas, subjazem práticas que “[...]podem ser descritas como processos psíquicos e cognitivos, como **hábitos** sociais [...]” (FONTANILLE, 2008b, p. 84-85, grifo do autor, tradução nossa¹¹).

Tendo em vista, por fim, que o sujeito que segue o protocolo é modalizado pelo poder, pelo saber, pelo querer e pelo dever (FONTANILLE, 2008a, p. 48), o pesquisador que, ao final, publica nos periódicos examinados, a um só tempo quer realizar esse fazer (comunicar um saber), sabe realizar esse fazer (apresenta competência de leitura das normas e de escrita da comunicação), pode (demonstrando a relevância e a contribuição de sua pesquisa, ajusta-se às estratégias editoriais para publicação de um texto científico), mas, acima de tudo, deve realizá-lo, pois, na qualidade de pesquisador, é seu dever comunicar os resultados de suas pesquisas para que a semiótica, considerada um projeto em construção, progrida. Logo, a assunção a esses valores torna definitiva a acomodação estratégica das cenas práticas que envolvem a comunicação científica.

¹¹ Trecho original: “[...] peuvent être décrites par ailleurs comme des processus psychiques et cognitifs, voire comme des *habitus* sociaux [...]”.

Considerações finais

Diante do exposto, a prática da comunicação científica nos periódicos de semiótica é revelada, *a priori*, por meio da publicação de textos-enunciados (artigos, resenhas, etc.). Esses textos correspondem ao fazer dos pesquisadores que visam à comunicação do saber que produziram, mas que, para isso, devem seguir os protocolos determinados pelas políticas editoriais. Essas normas colaboram com a atestação de cientificidade dos textos publicados, ao mesmo tempo em que requerem a adesão do pesquisador a valores imbricados aos valores dos grupos a que as revistas estão subordinadas (contribuir para a edificação da disciplina).

A cena prática da comunicação científica também possibilita identificar outro percurso prático das atividades de produção científica que os periódicos tentam simular em seus *layouts*: a práticas de escrita científica, que, figurativizada pela adesão às normas impostas pelas políticas editoriais, conforma a produção de texto a um modelo preestabelecido. Além disso, o processo que corresponde a essa prática somente se completa mediante uma série de cenas práticas, entre elas, a da leitura dos artigos publicados, tornando o saber comunicado efetivamente difundido.

Referências

- BALDAN, U. O desenho do arquiteto. In: **Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA)**, Araraquara, v. 1, n. 1, 2003, p. 1-9. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/569/490>. Acesso em: 22 mar. 2019.
- BARROS, D. L. P. de. A semiótica no Brasil e na América do Sul: rumos, papéis e desvios. In: **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte, v. 20, n. 1, jan./jun. 2012, p. 149-186. Disponível em: <http://oaji.net/articles/2019/3404-1558531744.pdf>. Acesso em 31 out. 2019.
- BENVENISTE, É. Os níveis da análise linguística. In: **Problemas de Linguística Geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri: revisão do prof. Isaac Nicolau Salum. 5 ed. Campinas: Pontes Editores, 2005 [1966]. 387 p.
- BUENO, W. C. **Jornalismo científico no Brasil: o compromisso de uma prática independente**. 1984. 163f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.
- CASA. **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada** [on-line]. Araraquara, 2018a. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/index>. Acesso em: 29 ago. 2018.

CASA. **Submissões** [online]. Araraquara, 2018b. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/about/submissions#onlineSubmissions>. Acesso em: 29 ago. 2018.

CENTRO DE PESQUISAS SOCIOSEMIÓTICAS. **Apresentação Resumida**. São Paulo: PUCSP - Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, 1995. Disponível em: <https://www.pucsp.br/cps/apresentacao-resumida.html>. Acesso em: 28 jun. 2020.

ESTUDOS SEMIÓTICOS [on-line]. São Paulo, 2018a. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/esse/index>. Acesso em: 29 ago. 2018.

ESTUDOS SEMIÓTICOS. **Submissões** [online]. São Paulo, 2018b. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/esse/about/submissions>. Acesso em: 29 ago. 2018.

FLOCH, J-M. Êtes-vous arpenteur ou somnambule?. In: **Sémiotique, marketing et communication**: sous les signes les stratégies. Paris: Puf, 1990. (Formes sémiotiques). 233 p.

FONTANILLE, J. **Significação e visualidade** – exercícios práticos. Tradução de Elizabeth B. Duarte e Maria Lilia D. de Castro. Porto Alegre: Sulina, 2005. 190 p.

FONTANILLE, J. Práticas semióticas: imanência e pertinência, eficiência e otimização. Tradução de Maria Lúcia Vissotto Paiva Diniz et al. In: DINIZ, M. L. V. P.; PORTELA, J. C. (Org.). **Semiótica e mídia**: textos, práticas, estratégias. Bauru: Unesp/Faac, 2008a, p. 15-74.

FONTANILLE, J. **Pratiques sémiotiques**. Paris: PUF, 2008b. 306 p.

GREIMAS, A. J. **Semântica Estrutural**: pesquisa de método. Tradução de Haquira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1973 [1966]. 330 p.

LANDOWSKI, E. O olhar comprometido. In: **Galáxia**: Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura/Programa Pós-Graduado em Comunicação e Semiótica da PUC, São Paulo, n. 2, p. 19-56, 2001 [1998]. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/1241/747>. Acesso em: 18 mar. 2018.

LANDOWSKI, E. Les nouveaux Nouveaux Actes Sémiotiques: présentation. In: **Actes Sémiotiques [on-line]**. Limoges: Pulim, 2007. Disponível em: <http://epublications.unilim.fr/revues/as/5665>. Acesso em: 02 jul. 2016.

LOPES, E. **Depoimento oral** [2000]. Entrevistadores: Maria Lúcia Vissotto Paiva Diniz e Jean Cristtus Portela. Bauru: UNESP (FAAC), 2000. 4 cassetes sonoras. Entrevista concedida ao Grupo de Estudos Semióticos em Comunicação (GESCom), da UNESP de Bauru.

LOPES, I. C. **Depoimento oral** [set. 2017]. Entrevistadora: Flavia Karla Ribeiro Santos. Campo Grande, 2017. 1 arquivo .mp3 (46 min.).

LOPES, I. C.; SARAIVA, J. A. B. Apresentação. In: **Estudos Semióticos**. [online], volume 9, n. 2. São Paulo, 2013b, p. i-ii. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/69525/72107>. Acesso em 8 set. 2019.

MATTE, A. C. F. Editorial. In: **Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA)**, Araraquara, v. 1, n. 1, 2003, p. 1-2. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/804/662>. Acesso em: 22 mar. 2019.

PORTELA, J. C. Conversations avec Jacques Fontanille. In: **Alfa - Revista de Linguística**. n. 50, v. 1. UNESP, 2006, p. 159-186. Disponível em: <http://www.alfa.ibilce.unesp.br/sumario.php?livro=3>. Acesso em: 02 mar. 2016.

PORTELA, J. C. Semiótica midiática e níveis de pertinência. In: DINIZ, Maria Lúcia Vissotto Paiva; PORTELA, Jean Cristtus (orgs.). **Semiótica e Mídia: textos, práticas, estratégias**. Bauru: Unesp/Faac, 2008, p. 93-113.

PORTELA, J. C. Editorial. In: **Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA)**, Araraquara, v. 11, n. 1, 2013, p. 1-2. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/6107/4581>. Acesso em 02 abr. 2019.

PRÁTICAS SEMIÓTICAS. In: GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. Tradução de Alceu Dias Lima et. al. São Paulo: Contexto, 2011, p. 380.

SANTOS, F. K. R. **O conceito de figuratividade e as práticas de institucionalização da semiótica no Brasil e na França**. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araraquara. 2020, 347p. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/192989/santos_fkr_dr_arafcl.pdf?sequence=5&isAllowed=y. Acesso em: 30 jun. 2020.

SCHWARTZMANN, M. N. Escrita epistolar: da cena prática à forma de vida. In: *Revista Estudos Linguísticos*. N. 42, v. 3. São Paulo, 2013, p. 1450-1464. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/945/531>. Acesso em: 18 jul. 2020.

SILVA, C. A.; PORTELA, J. C. Níveis de pertinência semiótica na edição das cartas de Chico Xavier. In: PORTELA, J. C. et. al (Orgs.). **Semiótica: identidade e diálogos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, p. 49-67.

Recebido em 30 de agosto de 2020
Aprovado em 06 de novembro de 2020